

LÍNGUA GUINEENSE E OS APORTES DA AFRICANIA¹

Euclides Bidansanta Quimontche²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo estudar, em perspectiva *tchon'almenti* (ou endógena), a Língua Guineense, que é a língua mais falada na Guiné Bissau. Sendo assim, dentro deste trabalho, fez-se um estudo da influência das línguas guineenses na estrutura frásica, no léxico e na fonológica da Língua Guineense. O recorte feito recolheu 207 nomes dos lugares presentes na socioespacialidade guineense e, ao mesmo tempo, selecionou algumas palavras das línguas locais, que hoje fazem parte da comunicação diária. Trata-se da pesquisa qualitativa descritiva, bibliográfica e Teoria Fundamentada nos Dados (TFD). Para a consecução do artigo, fizemos estudo comparado, à guisa de compreender a estrutura da Língua Guineense, analisando os aportes linguísticos herdados das línguas locais. Em outros termos, a metodologia comparativa tem como foco, na contramão de estudos que insistem nas heranças linguísticas vinculadas apenas ao português, as línguas locais, entre outras, Balanta, Pepel e Flup, para ser mais específico. Nossa hipótese de trabalho, que foi verificada empiricamente, considera como base da Língua Guineense as línguas faladas no território do país. Para tal finalidade, fizemos tradução comparativa de frases das 3 línguas acima mencionadas para as da Língua Guineense. Além disso, também foram comparados sons “*dj*”, “*tch*” e “*n*” existentes nas línguas faladas por diferentes povos que fazem parte do território guineense. Após as corporações e as análises feitas, constatamos que a Língua Guineense é fortemente produzida, do ponto de vista lexical, fonológico, sintático e semântico, pelas línguas faladas nos lugares da Guiné Bissau.

Palavras-chave: língua guineense - gramática; linguagem e línguas - etimologia; características nacionais guineenses.

REZUMU

E artigu tene suma objetivu studa, na prespetiva *tchon'almenti* (di *tchon* memu), Lingua Guinensi, ku sedu lingua ku mas ta papiadu na Guine Bissau. Pa kila, dentru di es tarbadju, i fasidu un studu di n'fluensia di linguas guinensi na strutura di frasi, di influensia na lexiku ku na fonolojia na Lingua Guinensi. Korti ku fasidu kudji 207 di lugaris ku sta na *tchon* guinensi i, memu tenpu, i kudji alguns palabras di linguas lokal, ku aos e fasi parti di papia di dia a dia. I na trata di un piskiza kualitativu diskritivu, bibliografiku e Teoriku Fundamentadu na Dadus. Pa tarbadja artigu, no fasi studu konparadu, pa pudi n'tindi strutura di Lingua Guineense, na studa kusas ku tomadu di linguas di *tchon*. Na utru manera, metodolojia konparativa n'teresa mas, akontrariu di kil studus ku ta n'sisti son na kusas ku i iarda di lingua portuguis, linguas di *tchon*, djuntu ku utrus, Balanta, Pepel ku Flup, pa sedu mas djustu. No ipotizi di tarbadju, ku djubidu na pratika, konsidera di kuma bazi di Lingua Guinensi i linguas ku ta papiadu na kil *tchon*. Pa kil sintidu, no fasi traduson konparativu di frazis di 3 linguas ku skirbidu riba ku di Lingua Guinensi. Fora di kila, tambe i na konparadu sons “*dj*”, “*tch*” e “*n*” ku ten na linguas ku ta papiadu pa diferentis povus ku fasi parti di *tchon* guinensi. Dipus di konparasons ku analizis ku fasidu, i konsigui pirsibidu di kuma Lingua Guinensi i ta n'fluensiadu dimas na lexiku, na fonolojia, na sintazi ku na semantika pa linguas ku ta papiadu na lugaris di Guine Bisau.

Palabras-tchabi: linguas guinensi - gramática; linguagem e línguas - etimologia; karakteristikas nashonais de Guiné.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Carlindo Fausto Antonio.

² Graduando em Humanidades pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

A diversidade linguística e cultural são marcas das sociedades no mundo. A Guiné Bissau, embora tenha uma pequena dimensão territorial (36.125 km²), não foge a essa regra, característica. Ou seja, falar da Guiné Bissau é falar de multiculturalidade e multilinguismo estabilizado no território desse país.

Para uma análise das materializações linguísticas no território guineense, sempre alicerçadas pelas culturas endógenas, vamos, em primeiro lugar, apresentar o mapa administrativo de Guiné Bissau. Ele nos possibilita entender como estão distribuídas as etnias, por meio dos nomes dos lugares. Só que “Não podemos perder de vista que um mapa não é o território, mas nos produtos da cartografia estão as melhores possibilidades de representação do que aconteceu, do que está acontecendo e do que poderá acontecer no território” (Sanzio, 2006, p. 338). Partindo do entendimento conceitual do espaço geográfico, escolhemos o mapa, porque, por meio dele, que é representação do espaço ou território (Sanzio, 2006, p. 338), é possível entender como as diferentes etnias, que vivem nesse país, produzem a socioespacialidade e com ela a Língua Guineense. Já que os respectivos nomes dos lugares (sectores, secções e tabancas), vinculados ao sistema linguísticos e espaciais, são também base lexical, sintática, fonológica e semântica da Língua Guineense. Aqui neste trabalho vamos usar o termo Língua Guineense em detrimento do “crioulo”. Pois entendemos que o último carrega em si um histórico pejorativo, ligado ao processo de invasão europeia, portuguesa.

A respeito da categoria lugar, vamos dialogar com o Geógrafo baiano Milton Santos (2003). Segundo ele “[...] É o espaço, isto é, os lugares, que realizam e revelam o mundo, tornando-o historicizado e geográfico, isto é, empiricizado” (Santos, 2003, p. 112). Dentro dessa mesma perspectiva de análise, consideramos que é no lugar, espaço sociocultural e dinâmico, que se materializa a língua, assim como as suas estruturas. Tais estruturas (que contemplam o plano fonológico, sintático, lexical e semântico) se atrelam aos sistemas culturais efetivados no cotidiano. Antônio (2024, p. 122) considera “sistema cultural negro-africano e diaspórico a totalidade que engloba manifestações culturais, artísticas, científicas, filosóficas, políticas e civilizatórias em conexão profunda com a ancestralidade”. Partindo desse entendimento, consideramos o sistema cultural como a argamassa que mistura toda a expressividade humanamente desenvolvida e/ou produzida, em que a língua se faz presente.

Mapa 1 - Mapa da Guiné-Bissau - Mapa Político da Guiné-Bissau



Fonte: Azilon maps (2015)

<https://www.ezilon.com/maps/africa/guinea-bissau-maps.html>

Dito de outro modo, a escolha do mapa administrativo de Guiné Bissau, que se encontra acima, parte da premissa de que, para entender a distribuição dos povos que vivem nesse território, os nomes dos lugares são importantes elementos de análise, a par de outras abordagens (como, por exemplo, produções filosóficas, científicas, artísticas, religiosas etc.). Os nomes carregam em si a cultura do seu povo. A nomeação dos lugares, que ocorre por meio de um processo sócio-histórico, é culturalmente determinada. Deste modo, no âmbito sociocultural, o entendimento, à rigor, da origem dos nomes dos lugares da Guiné Bissau, e de seus respectivos significados (sociocultural e/ou histórico), além de fornecer provas da presença humana nos lugares, possibilita, de forma mais profunda, entender como as culturas dos povos que vivem neste território se enraízam nos lugares. Aliás, as culturas do lugar dialogam entre si e com o lugar, e vice-versa. Além disso, do ponto de vista estrutural, as línguas produzidas por diferentes etnias, no território guineense, além de se influenciarem mutuamente (devido a trocas comerciais, afetivas, espirituais etc., que são processos políticos) e de nomearem os lugares, são a base da “Língua Guineense”. Nessa linha de pensamento, o artigo parte da premissa de

que para entender a estrutura da Língua Guineense, que é o nosso objeto de estudo, é preciso compreender essas estabilizações linguísticas que fazem parte do território guineense, desde a nomeação dos lugares, incluindo aspectos fonológicos, frásicos, sintático e semântico. Afinal, são essas produções linguísticas que sustentaram e ainda sustentam a Língua Guineense.

O “território usado” (Santos, 2005, p. 255) como categoria de análise, que aparece frequentemente na nossa sistematização, será esmiuçado. Pois é a base para entender o fenômeno linguístico em estudo, já que a língua é uma sistematização territorializada (Antonio, 2024, p. 120).

A nossa perspectiva do território vai na mesma linha de pensamento do geógrafo baiano (Milton Santos). Para ele,

[...] O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população [...] (Santos, 2003, p. 96).

Ao afirmar que o território “é o chão e mais a população”, Santos (2003, p. 96) demonstra que existe uma relação de pertencimento entre as pessoas e o lugar em que vivem, bem como de complementaridade. Daí que, no nosso entendimento, consideramos o território como o que ratifica as relações e/ou interações humanas na sua totalidade. Território é a relação de pertencimento entre as pessoas e o lugar em que vivem, em que a língua, elemento de comunicação e sistematização das ideias, se faz presente.

O artigo tem como objetivos: compreender como a Língua Guineense é formada e produzida pela população guineense; entender a influência das línguas locais no léxico da Língua Guineense, analisando os nomes dos lugares (sectores, secções e tabancas) presente no mapa e as palavras das línguas locais (Balanta e Fula) usadas no dia a dia; e identificar as influências dos Grupos Sociais guineenses (Balanta, Pepel e Flup), por meio da comparação de frases, no plano fonológico, na sintaxe e na semântica da Língua Guineense.

Para conseguirmos identificar tudo isso, elaboramos a seguinte pergunta: De que forma a Língua guineense é influenciada pelas línguas faladas pelas etnias da Guiné Bissau?

2 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E LINGUÍSTICA DA GUINÉ BISSAU

Vamos localizar geograficamente a Guiné Bissau e, conseqüentemente, será dada uma pequena descrição da sua organização social, que é a chave para entender a formação da Língua Guineense e a sua produção, sobretudo. Guiné Bissau é um país que fica situado na costa ocidental da África. Sua população é de cerca de 2.106.000 mil habitantes e é banhado pelo Oceano Atlântico (Eberhard; Simons; Fanning, 2025). Dentro desse território, que tem 36,125 km², vivem diferentes etnias, falantes de diferentes línguas. Por ser um país de pequeno tamanho territorial, a aproximação de diferentes etnias nas três províncias (Norte, Sul e Leste) fomentou a relação de reciprocidade. Tal reciprocidade possibilitou, conseqüentemente, a produção de uma língua que conserva, dentro de si, diferentes características importadas dessas línguas que compõem esse país. Ou seja, que conserva a cultura das diferentes etnias guineenses. Em outras palavras, na Guiné Bissau há mais ou menos 17 etnias, dentre os quais se destacam: Balanta, Fula, Jola-Felupe (*Flup*, na Língua Guineense), Papel (*Pepel*, na Língua Guineense), Mandinka (*Mandinga*, na Língua Guineense), Mandjak (*Mandjaku*, na Língua Guineense), Bijagó (*Budjugu*, na Língua Guineense), Bainouk-Gunyaño, Biafada, Futa Fula, Jola Bayote (Baioti, na Língua Guineense), Kanjad, Kasanga (Kasanca, na Língua Guineense), Kobiana, Mankanya (Mankanhi, na Língua Guineense), Nalu e Mansoanka (Mansonka, na Língua Guineense), (Eberhard; Simons; Fanning, 2025). Embora as etnias se difiram culturalmente, esses povos se relacionam e se influenciam mutuamente. Tal relação gerou a Língua Guineense, que vem ganhando força, agora é a mais falada no país.

Os nomes que vão ser analisados são das sectores, secções e tabancas. A escolha tem a função de recorte para este estudo, no sentido de mostrar como a cultura dos lugares guineense influenciaram e ainda influenciam a Língua Guineense tanto lexical (que será sistematizada em seguida), assim como em outros aspectos linguísticos, que vão ser abordados subsequentemente.

Não vamos entrar na discussão sobre a origem, entendida como início da sua formação e produção da Língua Guineense. Ou seja, não discutiremos a hipótese do surgimento do Guineense, tal como formularam vários autores, como, por exemplo, Rougé (1986).

Neste íterim, entende-se que a única forma para conseguir compreender a formação e a produção da Língua Guineense é entender a sua estrutura. E tal estrutura só é perceptível na produção diária dos seus falantes, em que as especificidades do território guineense são importantes. Por exemplo, os diversos rios que existem e que são navegados por diferentes povos existentes no território, devido a necessidade de obter os recursos nele existentes.

Também os encontros comerciais, que os guineenses chamam de “*lumu*”, são importantes para compreender a produção da mesma língua. Esses dois elementos, além de outros aspectos que possibilitam a dinâmica interna dos seus falantes, são a chave para entender a produção da Língua Guineense.

Só para salientar que nem sempre a Língua Guineense foi vista como uma língua de base africana. Autores como Scantamburlo (1999, 2002, 2013), Tarallo e Alkmin (1987), em nenhum momento fizeram estudo da Língua Guineense numa perspectiva africana. Um dos trabalhos que vai na mesma linha que aqui se defende é o de Timbane e Manuel (2018). O autor e a autora consideram a Língua Guineense como sendo uma língua que tem como base as línguas africanas (Timbane; Manuel, 2018, p. 8). Para comprovar a afirmação, fizeram comparações do aspecto da sintaxe, que também faremos aqui.

3 METODOLOGIA

A presente metodologia consiste numa pesquisa qualitativa descritiva, baseada em questionários abertos (google formulário) com opções de respostas pré-definidas. Trata-se também de uma pesquisa bibliográfica e Teoria Fundamentada nos Dados (TFD), originalmente desenvolvida pelos sociólogos americanos: Barney Glaser e Anselm Strauss, a metodologia capta a diversidade de fatos, dados, informações, experiências da realidade, além da multidimensionalidade e a multicausalidade dos fenômenos. Como define Morin (2005, p. 26):

[...] não se trata de obedecer a um princípio de ordem (que exclui a desordem), de clareza (que exclui o obscuro), de distinção (que exclui as aderências, participações e comunicações), de disjunção (que exclui o sujeito, a antinomia, a complexidade), isto é, a um princípio que liga a ciência à simplificação da lógica. Trata-se, pelo contrário, a partir dum princípio de complexidade, de ligar o que estava disjunto.

Nessa versão, a inserção da TFD neste presente estudo tem com proposta de trabalhar com o fenômeno estudado, a Língua Guineense, que é a língua mais falada na Guiné Bissau, numa perspectiva *tchon'almenti*³ (ou endógena), identificando a influência das línguas guineense na sintaxe, no léxico e na fonologia da Língua Guineense. Para a consecução do artigo, faremos estudo comparado, à guisa de compreender a estrutura da Língua Guineense, analisando os aportes linguísticos herdados das línguas locais. Em outros termos, o estudo

³ Termo usado pelos guineenses para se referir a sua cultura de forma mais endógena, sem interferência externa.

comparativo terá como foco, na contramão de estudos que insistem nas heranças linguísticas vinculadas apenas ao português, as línguas locais, entre outras, Balanta, Pepel e Flup, para ser mais específico. O método comparativo se ocupará ou se debruçará na análise das influências dessas línguas no léxico, no plano fonológico (com recorte para os sons “*dj*”, “*tch*” e “*n*”), no aspecto da sintaxe e, com ênfase, no que concerne aos aportes diacronicamente fixados, na Língua Guineense, pelas línguas estabilizadas pelos lugares da Guiné Bissau. Para tal finalidade, faremos tradução comparativa de frases das 3 línguas acima mencionadas para as da Língua Guineense. Além disso, também serão comparados sons “*dj*, *tch* e *n*” existentes nas línguas faladas por diferentes povos que fazem parte do território guineense.

O recorte feito recolhe 207 nomes dos lugares (sectores, secções e tabancas, alistados no **anexo A**, todos retirados no mapa acima apresentado) presentes na socioespacialidade guineense e, ao mesmo tempo, seleciona algumas palavras das línguas locais, que hoje fazem parte da comunicação diária, com destaque para língua Balanta e Fula.

Relativamente à origem dos nomes dos lugares, elaboramos questionários abertos (disponível no **anexo B**), que enviamos a 18 pessoas (duas para cada região e duas para o sector autónomo de Bissau). Só para salientar que, apesar de estarmos a fazer estudo da origem dos nomes, nosso foco não é fazer um estudo toponímico mais aprofundado. Ou seja, nossa intenção é perceber a influência das línguas autóctones guineense na Língua Guineense.

Para a obtenção dos significados das palavras ou sequência semântica de língua Balanta e Fula, elaborou-se questionários abertos no google formulário (disponível no **anexo C**), que enviamos para duas pessoas falantes das duas línguas em questão.

A respeito das frases das três línguas usadas na comparação, formulamos 5 frases na Língua Guineense e, em seguida, criou-se um formulário no google formulário que enviamos a três pessoas falantes das mesmas línguas pedindo que cada uma delas traduza as mesmas frases para a sua língua (tais questionários estão disponíveis no **anexo D**).

Assim, a coleta de dados (origem dos nomes dos lugares, significado das palavras da Língua Fula e Balanta faladas na Língua Guineense e frases das três línguas, Balanta, Flup e Pepel), e a produção da maior parte de dados tem como suporte os questionários produzidos pelo pesquisador deste estudo. Alguns outros exemplos também foram retirados do trabalho de Timbane e Manuel (2018).

4 A INFLUÊNCIA DA CULTURA DOS POVOS GUINEENSES, POR MEIO DAS NOMEAÇÕES DOS LUGARES, NA LÍNGUA GUINEENSE

A Língua Guineense é fortemente influenciada pelas culturas das diferentes etnias guineenses. E tais influências são bastantes nítidas no léxico do guineense em diferentes aspectos. Uma prova disso são os nomes dos lugares, presentes no mapa, que eram partes integrantes, no princípio, das línguas faladas nos lugares (tabancas, moranças, sectores e secções.). Mas hoje são também da Língua Guineense. Essa inserção foi fruto da dinâmica interna dos seus falantes, os povos autóctones da Guiné Bissau.

Analisando os 207 nomes que retirados no mapa acima (que correspondem a sectores, secções e tabancas), apenas 8 são da origem europeia (São Domingos, São Vicente, Caravela, Ilha de Maio, São João, Ilha de Galinhas, Ilha de Porcos e Brandão). Os demais, levando em consideração as estabilizações ou produções culturais e as suas relações com o território, pertencem às etnias originários dos lugares, apesar de durante a nossa pesquisa não conseguirmos encontrar a origem certa de 109 nomes (19 na região de Quinara, 21 na região de Cacheu, 3 na região de Biombo, 8 na região de Gabu, 14 na região de Oio, 14 na região de Bafatá, 17 na região de Bolama e 9 na região de Tombali), de origem local, devido a dificuldade de obter informações.

Só para salientar que vamos dar mais destaque à forma que os nomes são chamados de “uso ampliado”, que está se referindo a forma como esses nomes são chamados na Língua Guineense, que nem sempre é igual à forma como são chamadas nas próprias línguas das etnias. Uso ampliado é a produção ou transformação que as palavras sofrem no dia a dia, devido a contribuição das diferentes etnias. Sendo um trabalho que tem como intenção valorizar a produção cultural guineense, caso vamos fazer menção posteriormente a um dos nomes, vamos respeitar o uso ampliado.

Os 25 nomes que seguem, retirados no mapa acima apresentado, vão ajudar a compreender as influências dos diferentes Grupos Sociais guineense no léxico da Língua Guineense:

Bissau (*Bisau*, uso ampliado), Prábis (Prabis, uso ampliado), Quinhamel (Kinhamel, uso ampliado), Safim (Safin, uso ampliado), Biombo (Biunbu, uso ampliado), nomes de origem Pepel;

Sucujaque (Esubudjak, uso ampliado), Suzana (Isana, uso ampliado), nomes de origem Flup;

Canchungo (Kantchungu, uso ampliado), Cacheu (Katcheu, uso ampliado), Caió (Kaio, uso ampliado), Batúcar (Batukar, uso ampliado), Calequisse (Kalikis, uso ampliado), nomes de origem Mandjaku;

Pache (Patch, uso ampliado), Unche (N'untche, uso ampliado), Chugue (Tchugue, uso ampliado), Enxalé (N'tchale, uso ampliado), nomes de origem Balanta;

Batãmbali Beafada (Batanbali Biafada, uso ampliado), Aidará Beafada (Aidara Biafada, uso ampliado), Jabadá Beafada (Djabada Biafada, uso ampliado), nomes de origem Biafada;

Cadique Nalu (Kadiki Nalu, uso ampliado), Ganduã Nalu (Gan Dua Nalu, uso ampliado), origem Nalu;

Farim (Farin, uso ampliado), Farincó Mandinga (Farin Ko Mandinga, uso ampliado), nomes de origem Mandinga;

Pitche (Pitchi, uso ampliado), Gabú (Gabu, uso ampliado), Pirada, Boé (Boie, uso ampliado), nomes de origem Fula.

A presença dos nomes, acima colocados, retirados no mapa, demonstra como a força da cultura das etnias determinaram a nomeação dos lugares em que vivem e, sistematicamente, influenciam a Língua Guineense. Esses nomes ratificam a força da cultura no território e/ou no lugar, possibilitadas pela dinâmica sociocultural dos mesmos povos autóctones, em diálogo constante entre si. Como as sociedades humanas, em todos os lugares se fazem presente por meio dos seus sistemas culturais, no cotidiano, os povos Fula, Mandinga, Papel, Balanta, Biafada, Mandjaku, a par de outras etnias guineense, comprovam as suas socioexistencialidades territorializadas nos lugares por meio dos nomes.

A nomeação dos lugares, partindo do sistema cultural e da interação da sociedade com o lugar, é uma prática intrínseca às sociedades humanas, e o seguinte exemplo é uma outra prova: Tocantins, estado brasileiro que fica na região Norte, palavra de origem Tupi que significa, se traduzirmos para o português, *nariz de tucano*⁴. Esse exemplo, que não é uma exceção, tanto no Brasil, quanto em outros lugares do mundo, expressa, também, a correlação entre as especificidades do lugar com a cultura do povo que nele vive. Isso revela a influência que os povos originários do Brasil têm no português brasileiro.

Na Língua Guineense é possível entender outros elementos herdados das diferentes línguas faladas por várias etnias que vivem nesse país, com ênfase para os sons “*dj*”, “*tch*” e “*n*”. Para uma compreensão geral do sistema fonológico da Língua Guineense, Scantamburlo

⁴ Disponível em: <https://gazetadocerrado.com.br/tocantins/tocantins-a-historia-por-tras-do-nome-do-estado/>
Acesso em: 10 abr. 2025.

(2002) é um grande exemplo. De acordo com o autor, “a Língua Guineense contém 22 consoantes (p, t, k, b, d, g, f, s, ʃ, v, z, j, tʃ, dj, m, n, ñ, ŋ, l, λ, r e x), 2 semivogais (w e x) e 9 vogais (i, ɪ, u, e, ε, α, a, o ø)” (Scantamburlo, 2002, p. 19).

Embora vamos falar sobre tais influências fonológicas nas frases posteriormente, já podemos notá-las em diferentes palavras acima apresentadas, principalmente na parte denominada de “uso ampliado”. Os sons “*dj*”, *n’* e *tch*” são marcas das culturas (africanas) locais presentes na Língua Guineense.

Além do que foi apresentado nos parágrafos anteriores, na mesma senda de influências internas, também se encontra na fala dos guineenses muitas palavras das línguas locais expressadas diariamente. Os seguintes exemplos comprovam isso: (*n’bila*, *nhati loda*, *sele bsonh*, *fuab na n’din’na*, *nhuti bunda*, palavras e/ou sequências de origem Balanta; *djarama* e *djanfa*, palavras de origem Fula).

N’bila em Balanta é um nome dado a um tipo de peixe de pele viscosa, que também é chamado, na Língua Guineense, de *pis sapatu* (caraterísticas próximas de peixe pintado). Em Balanta refere-se apenas a 1 peixe (quando é mais de um, se chama de *Kbila*, em variação Kuntoe). Mas, na Língua Guineense, que tem a sua regra de pluralização, isso não ocorre igual a Balanta. Ou seja, este nome respeita a regra gramatical imposta pela Língua Guineense. *Nhati loda* é um termo que mostra o sincretismo entre a Língua Guineense com a Balanta. Pois o primeiro termo é da Língua Guineense, enquanto o segundo é da origem Balanta. *Nhati* na Língua Guineense significa “resistente”, e “*Loda*” significa morte na língua Balanta. Hoje esta sequência é utilizada para dizer um tipo de chinelo (ou sandália) resistente. Ou seja, esta sequência, que agora é um nome, adquire significado semântica dentro da Língua Guineense, que é alimentada culturalmente pelas línguas locais. *Sele bson* em Balanta significa peixe pequeno, independentemente do estado ou espécie. No entanto, na Língua guineense, a mesma sequência significa “peixe pequeno”, só que “fumado”, o que demonstra que adquiriu outro significado. *Fuab na n’din’na* é uma sequência semântica de origem Balanta. A sequência significa “fazer de borla” ou gratuitamente e é utilizada com o mesmo significado na Língua Guineense. Já *Nhuti bunda* é uma sequência de base semântica Balanta (que corresponde, em Balanta, *Nhut fiaf*) e refere-se a pessoa que tem bunda empinada. Como na Língua Guineense tem uma palavra equivalente a *fiaf* (que significa bunda), colocam-no, mas o primeiro termo mantém-se, respeitando a origem. Já o termo *djarama*, que significa obrigado na língua Fula, também é usada na Língua Guineense com o mesmo significado. Por fim, *djanfa*, que na língua fula significa traição, embora continue sendo utilizado com o mesmo sentido, ele é mais usado

no sentido misterioso. Ou seja, é mais empregada para dizer que alguém fez alguma ação misteriosa contra outra.

Todas estas palavras, e mais outras, são hoje usadas no dia a dia, inclusive por pessoas que sequer são ou sabem falar Balanta ou Fala. Esses exemplos revelam como a dinâmica social permite a incorporação de palavras das etnias presentes no território guineense.

5 A ESTRUTURA SINTÁTICA E FONOLÓGICA

Na Língua Guineense é possível encontrar elementos da influência africana no aspecto fonológico (com recorte para sons: “*dj*”, “*tch*” e “*n*”).

No aspecto da sintaxe, pode-se ver a presença de morfemas: *ta*, que será aqui usado como elemento de comparação, e *na*, Scantamburlo (2002, p. 23), assim como *ba* (Scantamburlo, 2002, p. 24). Além disso, também pode se perceber a presença de *badja*, que será também usado como elemento de comparação, (Timbane; Manuel, 2018, p. 14), assim como *banan*, que marca, na maioria dos casos, o condicional.

Embora *badja* apareça como marcador do passado nos enunciados, assim como “*ba*”, como sustentam Timbane e Manuel (2018, p. 14), os dois se diferem em contexto. (*Ba* marca o pretérito imperfeito, enquanto *badja* marca pretérito mais que perfeito do indicativo).

Nas seguintes frases, tanto da Língua Guineense, assim como das outras três Línguas da Guiné Bissau (Balanta, Flup e Pepel), que vão ser usadas como objeto de comparação, podemos encontrar elementos semelhantes tanto da sintaxe quanto da fonologia:

Frase 1. Língua Guineense: *Ami n'kume bianda;*

1.1. Balanta: *Nhidi n'guom sufñ;*

1.2. Flup: *N'dji ni rie sinan'has;*

1.3. Pepel: *N'dji re pre.*

1.4. Português: Eu comi a comida.

Frase 2. Guineense: *Fetchnha ta kunpu bisikleta;*

2.1. Balanta: *Fetchnha ma megues kntchirin;*

2.2. Flup: *Fetchnha nan'ha tchokor ebakanei;*

2.3. Pepel: *Fetchnha adja ka uamu onthaie;*

2.4. Português: O Fetchnha conserta a bicicleta.

Frase 3. *Fidju femia di Punpuntcha kunpra badja e sapatu;*

3.1. *N'bi unin na Punpuntcha hwus ke kordo, Balanta;*

3.2. *Flup: Anhilau arau arha Punpuntcha na nomenaban sidanlose;*

3.3. *Pepel: Inpoth nhat ai Punpuntcha aua ganthi i sapatuie;*

3.4 Português: A filha de Punpuntcha já tinha comprado esse sapato.

Frase 4. *Djon bisti kamisa burmedju uak;*

4.1. *Balanta: Djon tum khyat uhan ser;*

4.2. *Flup: Djon na solue kadjufnaku ku yemamaku tchul;*

4.3. *Pepel: Djon atimo n'misa djengle pen;*

4.4. Português: O João veste uma camisa vermelha escura.

Frase 5. *Tchuba tchubi risu, aonti.*

5.1. *Balanta: Resi n'tup kfaie, so;*

5.2. *Flup: Emithai elubulom mein, uken;*

5.3. *Pepel: Osula osu man, monton;*

5.4. Português: Choveu torrencialmente, ontem.

Antes de analisarmos os dois aspectos (da sintaxe e fonológica, respectivamente), vamos conceituá-los.

De acordo com Sautchuk (2010, p. 43), “sintaxe é a parte da gramática que se preocupa com os padrões estruturais dos enunciados e com as relações recíprocas dos termos nas frases e das frases no discurso [...]” (Sautchuk, 2010, p. 43). Partindo dessa conceituação, podemos entender que “sintaxe” é a subárea da gramática que estuda a estrutura dos enunciados, ou seja, da sequência possível dentro de uma língua, levando sempre em consideração as particularidades. Isso mostra que dentro duma língua há leis que regem as sequências possíveis nela, e “A força e a importância dessas leis são tão relevantes que a elas se reserva a manutenção da própria identidade da língua [...]” (Sautchuk, 2010, p. 44). Dito de outro modo, tais leis permitem a manutenção e a compreensão da identidade cultural do povo que é falante duma língua, assim como conservam as características que explicam a origem da mesma. Ou seja, sintaxe é o estudo da forma como as pessoas, falantes de uma determinada língua, verbalizam suas sócio existencialidades linguística, que sempre é heterogênea e territorializada, sobretudo, dando ênfase à forma como colocam ou organizam as suas sentenças.

Já a fonologia “é o estudo dos fonemas em suas variantes posicionais, combinações e condições prosódicas” (Bezerra, 2015, p. 5). Ou seja, é o estudo da produção de sons que são articuladas de forma consciente e culturalmente determinada, para darem sentido tanto às palavras, quanto aos enunciados de uma determinada língua.

Na “Frase 1.” podemos encontrar seguinte característica: sujeito, (“*ami*”, Guineense; “*nhidi*”, Balanta; “*n’dji*”, Flup; “*n’dji*”, Pepel), verbo, (“*n’kume*”, Guineense; “*n’guom*”, Balanta; “*ni rie*”, Flup; “*re*”, Pepel); e complemento direto, (“*bianda*”, Guineense; “*sufn*”, Balanta; “*sinan’has*”, Flup; “*pre*”, Pepel).

Destacamos o complemento direto, ele nos interessa nesta frase. Se olharmos para os constituintes vamos perceber o seguinte: “No guineense os artigos definidos são ocultos/inexistentes na sentença” (Timbane; Manuel, 2018, p. 14). A mesma característica existe nas línguas guineense aqui usadas para a comparação. Em nenhum momento pode ser colocado, pois “não existe” nestas línguas. Esta particularidade “É uma característica peculiar das línguas bantu” (Timbane; Manuel, 2018, p. 14). Também se verifica nas línguas nigero-congolesa. Qualquer tentativa de inserção desse elemento tornará o enunciado inadequado na comunicação em todas estas línguas.

Timbane e Manuel (2018), demonstraram uma outra semelhança no aspecto sintático entre a Língua Guineense e outras línguas africanas (com destaque para Balanta, falada na Guiné Bissau, e xichangana, falada em Moçambique). Por meio dos exemplos abaixo (elaboradas pelo autor e pela autora) é possível perceber tal particularidade:

- Ex.18: crioulo: Un badjuda e Un rapaz
 Ex.19: xichangana: Ømtombi e Ømufana
 Ex. 20: balanta: A Fuli e A Lufu
 Ex. 21: português: uma moça e um rapaz
 (Timbane; Manuel, 2018, p. 14).

Através dos exemplos, acima apresentados, é possível perceber a inexistência de flexão do gênero nos artigos indefinidos nas línguas africanas. Isso prova “que existe uma forma única do uso do artigo indefinido nas línguas africanas” (Timbane; Manuel, 2018, p. 14), o que é diferente do português, onde há duas formas, uma para um gênero e outra para outro.

Na “Frase 2.” podemos encontrar a seguinte característica: Sujeito (*Fetchna*, Línguas Guineense); morfema (*ta*, Guineense; *ma*, Balanta; *nan’ha*, Flup; *adja ka*, Pepel), verbo (*kunpu*, Guineense; *megues*, Balanta; *tchokor*, Flup; *uamu*, Pepel), complemento direto (*bisikleta*, Guineense; *kntchirin*, Balanta; *ebakanei*, Flup; *onthaie*, Pepel).

Destacou-se o morfema, ele nos interessa nesta frase. Dado que, do ponto vista semântico, é fundamental para entender o sentido das frases e/ou enunciados nestas línguas (Guineense, Balanta, Flup e Pepel). A presença do morfema “ta mostra a frequência” (Timbane; Manuel, 2018 p. 15), ou demonstra que a pessoa tenha domínio, podendo ser considerado, em uma análise mais ampliada, de seu ofício.

No entanto, se, por exemplo, o retirarmos, vai fazer com que a frase passe para o passado (ou não tenha sentido), não dando para entender se é sua profissão ou não. É um elemento “imprescindível” da frase. Devido a sua importância, é necessário que seja atribuída, por meio de uma discussão interna, de uma classe gramatical própria das línguas africanas. Para isso, é preciso, urgentemente, se desvincular da gramática portuguesa. Afinal, não existe uma gramática universal. Cada língua tem sua gramática.

Na “Frase 3.” encontra-se a seguinte característica: sujeito (*fidju femia di Punpuntcha*, Guineense; *n’bi unin na Punpuntcha*, Balanta; *anhilau arau arha Punpuntcha*, Flup; *inpoth nhat ai Punpuntcha*, Pepel), verbo (*kunpra*, Guineense; *hwus*, Balanta; *na nomene*, Flup; *aua*, Pepel;), morfema (*badja*, Guineense; *ban*, Flup; *ganthi*, Pepel; *ke*, Balanta), complemento direto (*e sapatu*, Guineense; *sidanlose*, Flup; *i sapatuie*, Pepel, *kordo*, Balanta).

Ressaltamos, nos exemplos acima, as duas primeiras palavras do sujeito, pois são chaves para entendermos o funcionamento das mesmas línguas. Nestas línguas não há uma forma para se dizer “filho” e outra para “filha”. Se for na Língua Guineense o único termo, que é comum de dois gêneros, é “*fidju*”, e nas outras o primeiro elemento da frase tem essa mesma função. Caso queira explicitar o sexo, para evitar a ambiguidade na frase, é indispensável colocar o termo que o demonstre. Na frase que temos como exemplo, para a Língua Guineense, é a palavra “*femia*” que explica o sexo da pessoa, para as outras 3 línguas guineenses é o segundo elemento que explica, neste caso, que é feminino. Se quisermos falar do masculino, o segundo elemento deve ser, obrigatoriamente, modificado para que possa concordar com a intenção. Isso é diferente do português, que tem uma forma para o masculino e outra para o feminino.

Na “Frase 4” podemos encontrar a seguinte distribuição: sujeito (*Djon*, Línguas Guineenses), verbo (*bisti*, Guineense; *tum*, Balanta; *na solue*, Flup; *otimo*, Pepel), complemento direto (*kamisa burmedju uak*, Guineense; *kyat whan ser*, Balanta; *kadjufnaku ku yemamaku tchul*, Flup; *n’misa djengle pen*, Pepel).

Os elementos realçados acima, que correspondem a complemento direto, é o que nos interessa aqui, pois apresentam uma característica peculiar. E tal característica é semelhante nestas 4 línguas guineenses. O primeiro elemento é um nome, o segundo, é um adjetivo e, o terceiro, é o advérbio. O que chama atenção não é a sequência em si, mas o elemento intensificador da

cor vermelha, que não é o termo “escuro”, como seria no português, por exemplo. Os últimos elementos, “*uak, ser, tchul e pen*”, são advérbios específicos para qualificar esta cor, sem esquecer que o termo equivalente ao “escuro” existe nestas línguas. Mas é colocado apenas quando se refere a outras cores, como, por exemplo, verde, amarela, azul etc. Esse modelo de colocação de advérbio, que ocorre nas Língua Guineense, Tarallo e Alkmin (1987, p. 132) o considera de ideofone. Essa peculiaridade, em uma análise ampliada, mostra como tais culturas têm uma relação cultural forte, histórica e simbólica com esta cor de pano, que inclusive é bastante utilizada em várias cerimônias. Só para salientar que a mesma regra de colocação de advérbios se aplica a duas outras cores (branca e preta). De acordo com Tarallo e Alkmin (1987, p. 132) *Branku fan'da* (branquíssimo, em português) é um exemplo. Além disso, também podemos achar a mesma característica em *pretu nok* (pretíssimo).

“Frase 5.” apresenta seguinte característica comum entre a Língua e as 4 outras: sujeito (*tchuba*, Guineense; *Resi*, Balanta; *emithai*, Flup; *osula*, Pepel), verbo (*tchubi*, Guineense; *n'tup*, Balanta; *elubulom*, Flup; *osu*, Pepel), complemento circunstancial de modo (*risu*, Guineense; *kfaie*, Balanta; *meinh*, Flup; *man*, Pepel) e advérbio de tempo (*aonti*, Guineense; *so*, Balanta; *uken*, Flup; *monton*, Pepel).

Nesta frase enfatizamos o primeiro constituinte, sujeito, pois ele apresenta uma característica que é particular nestas línguas: o fenômeno da natureza (que se traduzimos para português seria “chuva”) aparece como sujeito. Nestas línguas guineenses, a distribuição dos elementos constituintes da frase, quando se refere a chuva, segue esta lógica, para que possa ter sentido. Caso seja omitido o primeiro elemento, a frase torna-se inadequada numa comunicação. Esta estrutura mostra a relação de influência existente entre as línguas guineenses. Pois a presença desta sequência não é um dado absoluto, mas fruto de uma dinâmica sociolinguística interna.

Relativamente aos sons “*dj, tch, e n*”, podemos identificá-los nas palavras das 4 línguas guineenses em diferentes frases que temos como exemplos. Na “Frase 1”. podemos encontrar o som “*n*” em todas as 4 línguas guineenses (em palavras: *n'kume*, Guineense; *n'guom*, Balanta; *n'dji*, Flup; e *n'dji*, Pepel).

O som “*dj*” aparece em muitas palavras. Na “Frase 1.2 e 1.3” podemos identificá-lo nas palavras: “*n'dji*, Fulp; “*n'dji*, Pepel. Já na Língua Guineense e Balanta aparece na “Frase 3. e 4..” (*fidju* e *Djon*), respectivamente.

Já, para fechar, o som “*tch*” se faz presente em seguintes palavras: “*kntchirin*, Balanta (Frase 2. 1.); *tchokor*, Flup (Frase 2.2). Na Língua Guineense, aparece na “Frase 5.” (*Tchuba*).

Estes sons, acima mencionados, junto com as já apresentadas anteriormente, justamente na parte denominada de “uso ampliado”, revelam que tais sons são elementos fonológicos importantes nas línguas guineenses. Caso eles sejam modificados (ou substituídos) por um outro som, por exemplo, fará com que, em muitos casos, a frase se torne incompreensível numa comunicação. Porque são elementos indispensáveis para a formação das palavras, bem como o sentido das frases. Deste modo, é possível afirmar que a dinâmica fonológica, sintática e semântica da Língua Guineense é alicerçada por esses sons, a par de outros elementos do sistema fonológico também. Estes sons não aparecem na Língua Guineense por acaso, eles são frutos de uma dinâmica social, historicamente construídas, em que todas as etnias guineenses contribuíram significativamente. Estes sons revelam que a dinâmica sócio-histórica e socioespacial dos diferentes povos que vivem no território guineense foi e continua ainda a ser o fator principal para que tais elementos apareçam na Língua Guineense.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a discussão feita, observa-se que a Língua Guineense é fortemente formada e produzida (ou influenciada) sintaticamente, fonologicamente, lexicalmente e semanticamente pelas línguas faladas no território guineense, ou seja, pelas “línguas africanas” (Timbane; Manuel, 2018, p. 15).

De um lado, as semelhanças, por exemplo, no aspecto sintático, semântico e fonológico, questionam empiricamente estudos que falam que esta língua é de base português. Por outro lado, revelam que a base da Língua Guineense é produzida pelas línguas guineenses. O que nos possibilita afirmar que a Língua Guineense é de origem africana. E que esta origem, deve ser bem antes da invasão portuguesa. Já que se fosse no momento da ocupação, a sua estrutura sintática seria disputada com o português, devido a imposição desta última. Mas isto não acontece. O único elemento da língua portuguesa que se faz presente na Língua Guineense em grande número é o léxico, como destacam Timbane e Manuel (2018, p. 7).

No entanto, essa presença deve ser vista com mais cuidado. Para uma compreensão dela, devemos considerar a colonização e suas consequências. Dado que, mesmo depois de muitos anos depois da “independência”, ainda é a língua portuguesa que se usa na educação escolar e na administração do país. Essa reprodução da política colonizadora tem impacto na sociedade guineense, e a Língua Guineense, que é produzida pela mesma população, não pode escapar.

Sendo assim, os estudos da Língua Guineense não devem se afastar da colonização e seus impactos na sociedade como um todo.

Se considerarmos que “As manifestações linguísticas não ocorrem fora do território, do espaço, dos lugares, do cotidiano e, especialmente, dos sistemas culturais” (Antonio, 2024, p. 120), a Língua Guineense, se olharmos para as discussões aqui feitas, mostra que pertence ao sistema cultural africano. Sua estrutura sintática e fonológica, que tem extrema semelhança com a de outras línguas locais, reflete a força da grande diversidade sociocultural enraizada no território deste país. Outra inclusão, é a incorporação do léxico das línguas que compõem o território guineense, que comprova como a sócio existencialidade territorializada guineense, como um todo, contribui na produção da Língua Guineense.

Relevando que a Língua Guineense apresenta características semelhantes à das línguas africanas, estudiosos/as da mesma língua não devem ignorar essas características, quando pretendem aprofundar seus estudos a respeito da sua estrutura, formação e da sua produção, sobretudo. Afinal, tais aspectos revelam a forma como a Língua Bissau-guineense é produzida pelos seus próprios falantes.

REFERÊNCIAS

- ANTÔNIO, Carlindo Fausto. A língua usada como produção do espaço, do território, do lugar, do cotidiano e do sistema cultural. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA), vol.4, nº Especial II, p.117-130, out. 2024.
- BEZERRA, Rodrigo. **Nova gramática da língua portuguesa para concursos**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2015.
- COUTO, Hildo Honório do. **O crioulo português da Guiné-Bissau**. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 1994.
- EBERHARD, David M; SIMONS, Gary F; FANNING, Charles D. (Org.). 2025. **Ethnologue: Línguas do Mundo**. 28 ed. Dallas, Texas: SIL International. Disponível em: <https://www.ethnologue.com/country/GW/>. Acesso: 12 maio 2025.
- MORIN, Edgar. **O Método 01: a natureza da Natureza**. Porto Alegre: Sulinas, 2005.
- ROUGÉ, Jean Louis. Uma hipótese sobre a formação do crioulo da Guiné-Bissau e da Casamansa. **Soronda** nº 2, 28-49, 1986.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Milton. O retorno do território. **Observatório Social de América Latina**, Buenos Aires, v. 6, n. 16, jun. 2005.

SAUTCHUK, Inez. **Prática da Morfossintaxe**: como e por quê aprender análise. (morfo) sintática. 2. ed. Barueri, São Paulo: Manole, 2010.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Dicionário do crioulo guineense, volume I**: Introdução e Notas Gramaticais. Lisboa: Edições Calibri/FASPEBI, 1999.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Dicionário do Guineense**: Dicionário Guineense-Português dicionário guineense-português. 2º vol. Bissau: FASPEBI, 2002.

SCANTAMBURLO, Luigi. **O léxico do crioulo guineense e suas relações com o português**: ensino bilingue português-crioulo guineense. 2013. 371 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. 2013.

SANZIO, Rafael. Cartografia e quilombos: territórios étnicos africanos no Brasil. **Africana Studia**, Porto, n. 9 ,edição do Centro de Estudos Africanos da Cidade de Porto (CEAUP), 2006.

TARALLO, Fernando; ALKMIN, Tânia. **Falares crioulos**: línguas em contato. São Paulo: Ática, 1987. Série Fundamentos.

TIMBANE, Alexandre Antônio; MANUEL, Cátia. O Crioulo da Guiné-Bissau é uma língua de base portuguesa? Embate sobre os conceitos. **Revista de Letras Juçara**, Caxias (MA), v. 2, n. 2, p. 107-126, 2018.

NUNES, Brener. Tocantins: A história por trás do nome do Estado. **Gazeta do Cerrado**, 2023. Disponível em: <https://gazetadocerrado.com.br/tocantins/tocantins-a-historia-por-tras-do-nome-do-estado/> Acesso em: 10 abr. 2025.

ANEXO A - Nomes dos lugares da Guiné Bissau

Nomes- Região de Quinara

1-Jabadá (Djabada), 2-Enxude (N'tchude, origem Balanta), 3-Jabadá Beafada (Djabada Biafada, origem Biafada), 4-Bissássema de Cima (Bsasima di Riba), 5-Ganjetrã, 6-Tite (Titi), 7-Brandão, 8-Fulacunda, 9-Canturé (Gan Ture), 10-Cantanha, 11-Melandiame, 12-Nhala, 13-Buba, 14-Empada (N'pada), 15-Batãmbali, 16-Aidarã Beafada (Aidara Biafada, origem Biafada), 17-Unal, 18-Bantael Silá (Bantael Sila), 19-Ganduá, 20-Pobreza (Pobresa), 21-Darsalame (Darsalam), 22-Madina de Baixo (Madina di Bas), e 23-Gã Gregório. 19 origem desconhecida.

Nomes- Região de Cacheu

1-Sucujaque (Esubudjak, origem Flup), 2-Bassear (origem Flup), 3-Varela, 4-Cassalol, 5-Bugim (Budjin, origem Flup), 6-Susana (Isana, origem Flup), 7-São Domingos, 8-Sedengal, 9-Campada, 10-Apilho, 11-Ingoré (N'gore), 12-Antotinha (N'totinha), 13-Barro (Baru), 14-Bigene (Bijeni), 15-Guidage, 16-São Jolmete (Djolmet), 17-São Vicente, 18-Capafo, 19-Bula, 20-Ponta Consolação, 21-Ponta Barros, 22-Carenque, 23-Chanto, 24-Batúcar (Batuka, origem Mandjakur), 25-Caió (Kaio, origem Mandjaku), 26-Bagango, 27-Canchungu (Kantchungu, origem Mandjaku), 28-Calequisse (Kalikis, origem Mandjaku), 29-Utama, 30-Bassarel (Basarel), 31-Bianga, 32-Ilha de Caió (Kaio, origem Mandjaku), 33-Ilha de Jeta (Djeta, origem Mandjaku), 34-Ijante, 35-Pelundo (Plundu, origem Mandjaku), 36-Có (Ko). 21 nomes de origem desconhecida.

Nomes- Região de Biombo

1-Biombo (Biunbu, origem Pepel): 2-Quinhamel (Knhamel, origem Pepel), 3-Safim (Safin, origem Pepel), 4-Prábis (Prabis), 5-Ondame (Ondam), 6-Ponta Gardete (Ponta Gardeti). 3 origem desconhecida.

Nomes- Região de Gabú

1-Pirada (origem Fula), 2-Fasse, 3-Paunca (origem Fula), 4-Bajocunda (Badju kunda), 5-Tabassi, 6-Sintchã Imabé (Sintchan Imabe, origem Fula), 7-Camal Já Sori (origem Fula), 8-Canjufa (Candjufa, origem Fula), 9-Sintchã Bacari (Sintchan Bacari, origem Fula), 10-Sonaco (Sonako, origem Fula), 11-Nematabá (Nemataba, origem Fula), 12-Mafancó (Mafanku, origem Fula), 13-Gabú (Gabu, origem Fula), 14-Uacaba (origem Fula), 15-Cansisse (Gan Sise), 16-Canquelifá (Kankelifa, origem Fula), 17-Buruntuma (origem Fula), 18-Camajaba, 19-Pitche (Pitchi, origem Fula), 20-Dara (origem Fula), 21-Oco Maunde (origem Fula), 22-Cabuca, 23-Canjadude, 24-Ché Ché (origem Fula), 25-Quissessem (origem Fula), 26-Pataque (origem Fula), 27-Béli (origem Fula), 28-Boé (Boie, origem Fula), 29-Gobije, 30-Vendu Leidi (Wedu Leidi, origem Fula). 8 de origem desconhecida.

Nomes- Região de Oio

1-Dungal (origem Mandinga), 2-Farincó Mandinga (Farinko Mandinga, origem Mandinga), 3-Cuntima (Kuntima, origem Fula), 4-Fambentã (Fambantan, origem Mandinga), 5-Sitatô (Sitato, origem Mandinga), 6-Jumbembem (Djunbenbe, origem Fula), 7-Binra, 8-Farim (Farin, origem Mandinga), 9-Canjambari (Kandjanbari, Mandinga), 10-Ianfarim (Ianfarin, origem Mandinga),

11-Cã-Sanimã (Gan Sanima), 12-Mansabá (Mansaban), 13-Cansamba (Gan Samba), 14-Manbancó, 15-Olossato (Olosatu, origem Mandinga), 16-Unfarim (Unfarin, origem Mandinga), 17-Morés (Mores), 18-Bissum (Bisum), 19-Bissorã (Bisoran), 20-Cutiá (Kutia), 21-Culange, 22-Binar, 23-Pache (Patch, origem Balanta), 24-Cuboi (Kboi, origem Balanta), 25-Uche (N'untche, origem Balanta), 26-Inquida (N'quida, origem Balanta), 27-Encheia (N'cheia, origem Balanta), 28-Jugudu (Tchokdul, origem Balanta), 29-Bindoro, 30-Bissã, 31-Porto Gole (Purtu Gol), 32-Colcunda, 33-Nhacra (Nhakra, origem Balanta), 34-Cumeré (Kumere, origem Balanta) e 35-Enxalé (N'tchale, origem Balanta). 14 de origem desconhecida.

Nomes- Região de Bafatá

1-Cambaju (Kanbadju), 2-Sare Bácar (Fula, origem Fula), 3-Sumbundo, 4-Baneó, 5-Fajonquito (origem Fula), 6-Canhãmina (origem Fula), 7-Ginane (origem Mandinga), 8-Mansaina, 9-Cuntuboel (Kuntubel, Mandinga), 10-Gamamudo (Gan Mamudu, origem Fula), 11-Jabicunda (Djabikunda, Mandinga), 12-Bacari, 13-Cájuuro, 14-Cantuba, 15-Comuda (origem Mandinga), 16-Dando (origem Mandinga), 17-Geba (Djiba, origem Mandinga), 18-Bambadinca (Banbadinka, origem Mandinga), 19-Bijini, 20-Canfate (origem Mandinga), 21-Cancumba, 22-Canturé (origem Mandinga), 23-Sanguê Cubamba, 24-Xime, 25-Dembel Jumpara (Denbel Djunpora, origem Fula), 26-Mamaconam (origem Fula), 27-Galomaro (Galumaru, origem Fula), 28-Duas Fontes (Dus Fonti), 29-Dulombi (origem Fula), 30-Xitole (Xitoli), 31-Cansunco, 32-Chumael (origem Fula), 33-Mampata (Manpata, origem Fula), 34-Cansamange (origem Fula). 14 origem desconhecida.

Nomes- Região de Bolama-Bijagós

1- Ilha de Caravela (Karavela), 2-Ilha de Carache (Karas), 3- Ilha de Porcos (Djiu di Purku), 4- Ilha de Enu (Enu), 5- Ancalhe, 6- Ilha de Unhocumo (Unhukum), 7- Uno (Unu), 8-Ilha de Orango (Orangu Garandi), 9-Ilha de Orangozinho (Orongusinho), 10-Ilha de Roxa, 11-Ilha de Soga (Suga), 12-Rubane (Rubani), 13-Bubaque (Bubaki), 14-Ilha Formosa (Furmoza), 15-Ilha de Ponta, 16-Ilha de Maio, 17-Ilha de Galinha (Djiu di Galinha), 18-Ilha de Poilão (Djiu di Polon) e 19-Bolama (Bulama). 2 de origem europeia e 17 de origem desconhecida.

Nomes- Sector autónomo Bissau

1-Bissau (Bisau, origem Pepel).

Nomes- Região de Tombali

1-Quebo (Kebu, origem Fula), 2-Cambijã (Kanbidja), 3-Nhacoba (Nhakba, origem Balanta), 4-Bedanda (Bidanda), 5-Quelege (Guiledji), 6-Cufar (Kfar, origem Balanta), 7-Chugué (Tchuke, origem Balanta), 8-Baria (origem Nalu), 9-Catió (Kanpitio, origem Nalu), 10-Ganduá Nalu (origem Nalu, 11-Matu Foroba (N'hante, origem Balanta), 12-Jemberem (Ienberen, origem Susu), 13-Cadique Nalu (Kdiki Nalu, origem Balanta), 14-Como (Djiu di Kom, origem Nalu), 15-Cabedu (Kabudu, origem Biafada), 16-Cacine (Kasini), 17-Campeane (Kanpiani), 18-Ilha de Melo (Djiu di Mel ou Kanbum, origem Nalu) 19-Gadamael Porto (Kdemel Portu, origem Balanta), 20-Sangoha (Sangonha), 21-Cacoca, 22-Camissarã (Kamsoron, origem Nalu) e 23-Tombali. 9 de origem desconhecida.

ANEXO B- Origem dos nomes dos lugares de Guiné Bissau

De que origem são os seguintes nomes e como se chamam?

ANEXO C – Significado das seguintes palavras da língua Balanta e Fula

O que as seguintes palavras e sequências semânticas de origem Balanta, significam em Balanta:

N'bila? Nhati loda? Sele bsonh? Fuab na n'din'na? Nhuti bunda?

O que *djarama* e *djanfa*, significam na língua Fula?

ANEXO D – Tradução de frases

Como se diz na sua língua:

Ami n'kume bianda?

Fetcnha ta kunpu bisikleta?

Fidju femia di Punpunta kunpra badja e sapatu?

Djon bisti kamisa burmedju uak?

Tchuba tchubi risu, aonti?